

Aprenderam a língua, trabalharam a música e a encenação, regaram as sementes do Evangelho, mas nunca chegaram a um verdadeiro diálogo com a cultura e religião indígenas.

Hoje, redescobre-se na solidariedade com o pobre e com o outro, no protagonismo dos sujeitos, na evangelização inculturada, a injustiça que onera a nossa sociedade e que aparece de modo claro na política, na economia, no social e no religioso. E cremos cada vez mais que no encontro das culturas e da fé podemos obter mudanças reais e perenes. A Igreja, a caminho e no caminho, confia que ninguém deve ser excluído do Reino de Deus. Reino onde os diversos povos têm cada um o seu lugar e a sua vez.

Salvar os indígenas, tornando-os cristãos, foi a utopia do padre Manuel da Nóbrega. Hoje, reconhece-se que os indígenas são povos com fé e religião. Na religião, expressam a riqueza de suas vidas e a criatividade de suas culturas. Não se opõem à Igreja dos missionários, mas pedem que ela seja solidária com suas lutas por seu protagonismo. O cristianismo indígena é expressão de uma resistência re-

ligiosa. É libertador porque tem tirado sua própria síntese da fé cristã nos paradigmas da cultura popular.

Evangelizar, hoje, na América Latina significa: 1) Abrir espaços para que o outro-pobre possa evangelizar-se e ser evangelizador a partir de sua cultura em ruptura e continuidade. 2) Ruptura com tudo o que destrói a identidade e corrompe a gratuidade dos bens. 3) Continuidade com o projeto salvífico de Deus presente nas culturas e plenificado em Jesus de Nazaré, no qual Deus concretiza sua humanidade. Em Jesus, Deus se fez caminho e história. Por isso, a evangelização junto e a partir dos povos indígenas começa pelo reconhecimento da história e da cultura destes povos. A religião, como eixo central, é exigência que se impõe e premissa a toda forma de evangelização junto a estes povos, que vai desde a defesa do primordial direito à vida até a plenitude de sua cidadania.

Pe. Antonio Pontes de Moraes é Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Missiologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

CORPO, UM PARADIGMA TEOLÓGICO?

Ir. Tereza Valler

1. CONTEXTO E MOTIVAÇÕES

A emergência do tema "*corpo*" se processa no quadro de uma profunda crise de civilização. No momento atual em que a sociedade se apresenta sobremaneira pluralista, globalizada, planetária e fragmentada e no momento em que as discussões sobre o econômico aprisionam o círculo dos debates, novos paradigmas se apresentam para o campo científico e para a teologia.

O corpo, apresentando-se como um dos temas emergentes, se torna objeto de estudos, análises, inventos e preocupações para os mais variados campos. A corporeidade-vida-mistério está pedindo, do ponto de vista científico, nova compreensão. Novos conceitos, modelos e teorias dotados de encadeamentos simultâneos e interagentes fazem perceber que visões dualistas e mecanicistas e abordagens sistêmicas não conseguem responder, satisfatoriamente, à complexidade das corporeidades vivas como seres com desejos-necessidades-aspirações solidárias.

A relevância atribuída hoje ao corpo, contrapõe-se, visivelmente, ao ofuscamento repressivo a que foi sub-

metido por longo tempo. Na atualidade, ao mesmo tempo que se busca a valorização do corpóreo, convive-se com o fenômeno da inversão de valores, da exaltação consumista, da proliferação de mecanismos reducionistas e excludentes, desviando mais uma vez o corpo de si mesmo. No contexto sócio-industrial-capitalista o corpo é apropriado como objeto de culto narcisista e consumista. Corpo e sexualidade caracterizam praticamente em nosso tempo toda a dinâmica de mercado¹.

Frente à suposta transcendência dos ideais econômicos, simuladores dos desejos e necessidades de milhares de corporeidades humanas famintas, a teologia deve se perguntar a respeito das dimensões fundamentais do ser humano que não podem ser negligenciadas por uma concepção antropológica minimalista. A teologia bíblica e o feminismo em seus recentes estudos, resgatam o corpo como horizonte básico e unitário.

Estas são algumas motivações que a partir dos textos de Rubem Alves (RA), teólogo e filósofo, místico e poeta nos levam a propor através desta pesquisa, o corpo como paradigma teológico. Paradigma suficientemente

¹ Elaine ROMERO (org.), *Corpo, mulher e sociedade*. Papyrus Ed. Campinas, 1995, p.44-53.

denso, universal e concreto, a partir do qual conceitos teológicos podem ser elaborados, opções solidárias e éticas podem ser redefinidas.

Propomo-nos aprofundar teologicamente o tema da corporeidade a partir dos textos de RA pela maneira muito própria e original com que o autor concebe o exercício teológico. Rompendo com o esquema objetivista, segundo o qual o objeto se impõe ao sujeito e, ultrapassando a visão da razão (simplesmente autônoma e soberana) sobre a realidade, supera outrossim, o determinismo científico e técnico sobre a vida humana. O autor, para construir sua teologia, não parte explicitamente dos dados da revelação, mas a partir do mundo busca contemplar e perceber a presença de Deus.

Partir do corpo para falar do ser humano é a proposta do autor². A respeito da compreensão da palavra “*corpo*”, lembramos que na língua alemã existem dois termos para se referir a ele: *Körper*, que designa o corpo como “objeto” ou “coisa” e *Leib* que quer dizer o corpo “próprio” ou “vivo”. A experiência espaço-temporal do corpo vivo não se identifica necessariamente com o corpo físico. A experiência corpórea depende mas ultrapassa a materialidade biológica³.

RA em seus escritos não utiliza os termos “corporeidade” e “corporalidade”, mas o termo “*corpo*” englobando de maneira unitária o corpo como sendo aquela experiência pela qual captamos a imediatez biológica e a experiência corporal vivenciada.

No presente artigo, emprega-se o termo “*corpo*” com suas variáveis para expressar a realidade corporal objetiva e vivencial. Conseqüentemente, não encontra lugar aqui a questão: fala-se do corpo físico ou do corpóreo? Nossa contribuição parte de um horizonte unitário e sintético.

Ampliando mais a compreensão, pode-se dizer que o corpo é uma realidade simbólica fundada na experiência e de significação polissêmica não apreendida e exaurida imediata e mecanicamente. Toda a realidade simbólica é portadora de uma dignidade. Teologicamente, o corpo pode ser tido como um paradigma porque dá conta das necessidades e demandas teológicas, no qual a teologia percebe-se a si mesma, percebe a complexidade da vida, das pessoas da sociedade, do mundo e percebe sobretudo sua relação com Deus.

A escolha desta temática propicia positivar a corporeidade e as dimensões co-envolvidas. Uma análise sobre os diferentes perfis corporais

construídos ao longo da história, nos permite afirmar que estes são construídos segundo os interesses político-econômicos. As virtualidades estéticas, relacionais, utópicas são traídas à medida que o corpo passa a ser “embalado”, novamente submetido e instrumentalizado.

A multidão de corpos de mulheres, crianças e velhos excluídos, vilipendiados é forte apelo a reavaliar, a partir da corporeidade, inúmeros setores da vida humana. Falando de modo concreto, dizemos: qualidade de vida é igual a qualidade de corporeidade.

A escolha que o autor faz da literatura e, mais precisamente, da linguagem poética como ‘*veio*’ para passar sua proposta teológica, constitui um caminho diferente. Dá à teologia a oportunidade de refletir a experiência humana, não a partir do horizonte da revelação divina, mas a partir do mundo, demonstrando como se dá a inculturação da experiência da fé através de outras mediações. Torna a teologia de RA convincente e bela. Na literatura verdade e beleza podem conviver, sem se excluir. Por que não, na teologia?

2. O CAMINHO DA PESQUISA

É desse contexto singular e controverso onde o corpo mantido sob suspeita e silenciado por longo tempo, emerge numa polissemia comple-

ta e incontida de linguagens, de perfis e de projetos libertadores e liberadores que surge o interesse pela presente pesquisa. RA, que em seus textos contempla o assunto de modo bastante criativo e instigante, serviu-nos como ponto de partida.

Por algum tempo, em contato com as principais obras do autor, buscamos situar e reunir as referências fundamentais atinentes ao assunto. Logo de início, percebemos que as considerações apontavam o corpo como categoria central para o discurso teológico.

À medida que prosseguíamos no contato bibliográfico, fomos notando que a concepção e a forma do autor expor seu pensamento, se desvia daquilo que se convencionou como forma clássica de propor a teologia. Seu estilo segue o ritmo das modulações do corpo. “*É necessário que o texto, como continuação do meu corpo, participe das minhas sombras e das minhas luzes. (...) É isto que faz com que ele se ligue existencialmente com o leitor e se torne uma experiência de fraternidade*”⁴.

Perante estas constatações iniciais duas necessidades se apresentaram: elaborar um preâmbulo ao núcleo temático e conhecer de modo mais profundo a concepção da teologia do autor.

² Rubem ALVES. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo, Paulinas, 1984, p. 166-67; *Variações sobre a vida e a morte*. São Paulo, Paulinas, 1982, p.32.

³ J. J. López Ibor & J. J. López-Ibor ALIÑO, *El cuerpo y la corporalidad*. Madrid, Ed. Gredos, 1974.

⁴ Rubem ALVES, *Variações sobre a vida e a morte*. p.7-8.

No passo seguinte tornou-se perceptível de forma muito clara a ampla relação do tema, com várias dimensões da vida. Falar do corpo é falar do desejo de viver sempre e do prazer; é falar da beleza e do trabalho; é falar da encarnação do verbo e da ecologia; é falar da economia, da ética e muito mais.

A evidência da axialidade do assunto, somada às motivações do contexto referidas anteriormente, foi nos levando a compreender que estávamos tratando com um tema-eixo, gerador de critérios básicos. Este processo de entendimento foi se ampliando e se firmando, o que nos levou a propor “o corpo” como um paradigma englobante a partir do qual conceitos e linguagens podem ser articulados, e projetos coletivos e humanitários podem ser estruturados e organizados.

Na construção da leitura teológica do corpo a partir dos principais escritos de RA, citamos, expomos e analisamos textos fundamentais. ao mesmo tempo que procuramos aproximá-los, comprová-los e enriquecê-los, servindo-nos de outras fontes bibliográficas bem como dos dados da sondagem “Opiniões sobre o corpo”.

3. ESTRUTURA DA PESQUISA

No preâmbulo ao núcleo temático consideramos conceitos, princípios e autores de referência para o pensamento de RA. A abordagem da evolução e da centralidade do tema “corpo” visto de diferentes angulações, traz

no momento preliminar, contribuições mais panorâmicas e, ao mesmo tempo, mais situadas e pertinentes no que se refere ao objeto da pesquisa.

Por que partir do corpo?

O tema brota do desejo de viver sempre, da missão de fazer do universo um corpo amante, corpo de Cristo. Para RA não há coisa mais importante que o corpo. Ele nos proporciona viver como bem-aventurados (as). “No princípio a Palavra se fez carne”. Nisto reside para o autor a tarefa de toda a teologia: decantar a beleza desse mistério que se fez corpo.

O primeiro capítulo tem a preocupação de conhecer e analisar a concepção teológica do autor, bem como reconhecer sua contribuição à vida cristã e, com mais especificidade, ao campo da teologia.

A produção teológica de RA é exercício intimamente entrelaçado com a literatura, é extensão das modulações do próprio corpo. Palavras e coisas jorram da mesma fonte. Nisto reside em grande parte a originalidade do pensamento alvesiano. O carisma de “teólogo-sentidor” faz com que seus textos formem com o leitor um só corpo, uma empatia quase que irresistível, fazendo do “logos poético” uma mediação teológica. Linguagem poética e história criam uma atmosfera de visão e fascínio. Elas são o caminho escolhido por RA para contemplar e revelar Deus, o mundo, as criaturas. A linguagem prática é

encantamento da palavra que expressa o que não pode ser dito ou que num momento de êxtase quer eternizar uma experiência bela.

Encontramo-nos na verdade diante de um discurso teológico criativo, contextualizado, asséptico, belo, de uma singularidade rara; paixão dos insatisfeitos que buscam e nunca se saciam de buscar...

RA em termos de método e de estilo afasta-se sensivelmente do que se fixou como forma clássica para um texto teológico. Opõe-se ao pensar moderno ocidental, cartesiano, analítico, mecânico. Seu discurso faz parte de um tipo de teologia de pequenos temas, construindo sinergeticamente redes de interconexão fazendo com que todas as realidades se interliguem. Algo muito próximo à holística. Em suas propostas descentralizadas mas internamente unificadas e articuladas, relativizáveis e sempre em construção, não se torna difícil perceber sob a roupagem poética, o potencial profético subsistente.

O olhar profundamente antropológico e contemplativo do autor consegue penetrar e pôr à luz pequenos e grandes espaços. A postura metodológica capaz de administrar fenômenos contraditórios existentes dentro do novo paradigma que se propõe, faz de sua teologia um exercício dinâmico, crítico, uma atividade artística, gostosa, respiração pneumática fecundante para os tempos atuais. Muitos(as) dos que provaram de seu banquete testemunharam que gostaram!

Sob a forma de um discurso teológico até certo ponto afastado das grandes narrativas, o autor consegue propor a superação de dualismos clássicos que permeiam a linguagem teológica (corpo-alma, matéria-espírito, luz-trevas) e dualismos mais atuais (ciência-magia, razão-intuição, subjetividade-objetividade, trabalho-lazer...).

Num momento de transformações culturais abrangentes, onde apontam novas experiências e sujeitos, RA contempla e re-situa temáticas do cotidiano um tanto negligenciadas e preconceituosamente temidas: a beleza, o prazer, a fantasia, o brinquedo e o próprio corpo. Consegue dar voz e re-significar experiências conhecidas de modo vago e inconsciente.

Em suas meditações teológicas, crônicas, vídeos, a literatura articulada à experiência humana é assumida como caminho legítimo para a construção do discurso teológico. Deus é um nome, uma paixão pronunciada e saboreada nas profundezas do coração humano. Jesus de Nazaré é o maior sonho e desejo de Deus feito corpo-irmão entre nós.

O estilo terno e feminino, a crítica frente à abstração acadêmica, o modo como abre questões sobre a religião, o tempo, a vida, fazem com que a Teologia Feminista encontre no pensamento alvesiano intuições que coincidem com os ideais por ela pleiteados.

É a Teologia da Libertação? Embora não suficientemente reconhecido, encontra neste teólogo, o primeiro afluyente de um grande rio... Basta atender ao conteúdo de sua tese doutoral (Teologia na perspectiva da libertação) defendida em 1968. Ali, eros e ágape perfeitamente conjugados na missão de libertar, acrescentam à teologia latino-americana uma nota de genuíno sabor e alegria! O profeta, o revolucionário é o corpo que ouviu e ficou possuído pela voz do poeta e, como flecha, sinaliza os caminhos do futuro.

Tomando como ponto de partida o corpo-simbolizante, propusemo-nos no segundo capítulo, analisar e significar a corporeidade na polissemia de sua linguagem: corpo-símbolo dotado de linguagem ampla, dinâmica e de complexidade de sentido. Nesta tarefa, RA se inspira em Paul Ricoeur para quem tudo o que é simbolizado é corpóreo, é histórico. A literatura sempre entendeu o símbolo como sendo o indicador capaz de incorporar aquelas experiências que, irrompendo no cotidiano, nos ultrapassam. Alves resgata o corpo humano como realidade que expressa no cotidiano a linguagem epifânica da beleza, da prazerosidade, do mistério do Deus-conosco, dimensões que fazem parte dos sonhos fundamentais da corporeidade humana. Corpo-linguagem, corpo e beleza, corpo e prazer, corpo e paraíso, corpo e palavra são as linhas que detalham a longa e atraente meditação teológica

sobre a linguagem corpórea. Para tornar mais comprovada a reflexão teológica feita a partir dos textos de RA, valemo-nos da sondagem "Opiniões sobre o corpo" que inserimos no início do 2º capítulo, momento em que mais diretamente nos introduzimos na análise do objeto de nossa pesquisa. Por meio de dados empíricos quisemos conhecer como a corporeidade humana, ao menos em determinados aspectos, se expressa no cotidiano.

A linguagem é questão fundamental para nosso autor que não cessa de assumir a afirmação do mestre L. Wittgenstein: "Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo." Como teólogo-literato e poeta, Alves crê que na linguagem é que se encontram as sementes de transformação. A própria religião é uma linguagem, um jeito de se falar sobre o mundo, a esperança, o sentido. Para se entender a religião é necessário entender o caminho da linguagem.

Arte e poesia constituem indiscutivelmente grandes características do pensamento alvesiano. O autor situa a reflexão sobre a beleza no contexto da política, apontando para a possibilidade de um exercício político que deixe espaço e integre no seu discurso e prática, a poesia.

O objetivo de toda a ação humana do brinqueado à política, é recuperar o paraíso perdido, construir um corpo social mais igualitário e fraterno. A recriação do paraíso, trabalho de um

povo inteiro, é missão da política. Política é coisa bela que ajunta num só evento "carnaval e batalha", festa e luta!

Dando um passo a mais: a beleza não é apenas uma categoria estética como também metafísica. Beleza é o propósito final da vida humana. Ela está além do conhecimento do bem e do mal. A transfiguração do mundo, a ressurreição é liturgia de beleza, de graça!

O prazer para Rubem Alves é energia divina inserida na contextura sensualizada da corporeidade e nos detalhes do cotidiano. A política deveria ser a arte e a disciplina de se preparar espaço para a vivência do prazer, da alegria de viver. Cientistas de outras épocas estavam conscientes de que a única finalidade da ciência da pesquisa era amenizar o sofrimento. Hoje, infelizmente, estamos vendo desaparecer em grande parte, o papel social do conhecimento.

No momento em que se processa uma forte depreciação da erótica, Alves consegue resituá-la na teologia e reconhecê-la como energia positiva para uma nova criação; energia fecundante e frutiva na convivialidade e nas relações. Não temos dúvida de que o amor ágape representa alto grau de humanização, mas sem o eros, falta-lhe calor humano e profundidade cósmica.

Temáticas enfocadas na leitura teológica que o autor faz das linguagens e sonhos do corpo, emergiram ao mesmo tempo nos materiais

coletados na sondagem. Prazer e beleza são dimensões que se movimentam junto às estruturas do cotidiano e que, na teologia alvesiana, são colocadas sob nova luz com aportes a serem considerados pela espiritualidade cristã, pela pastoral, pela educação, pelo feminismo, pela ecologia e pela ética.

É convicção do autor de que a profecia se nutre da mensagem polissêmica de corpos concretos de homens e mulheres, crianças empobrecidas que, na luta aventurada do cotidiano, buscam a sobrevivência e a transfiguração de suas corporeidades.

Qual a nota de maior canto e encanto da construção teológica de RA?

Corpo-palavra se constitui na reflexão mais significativa e bela do pensamento do autor e ocupa o maior espaço em nosso trabalho. Várias são as chaves usadas por RA para desafiar as palavras. Chaves como a poesia, estórias, imagens da vida cotidiana como a arte de cozinhar; chaves bíblicas e comparações são recursos literários que no corpo 'possuído' do poeta, reencantam as palavras, transformando-as em pássaros silvestres que rompem as prisões do convencional, se transformam em entidades mágicas e constroem novos sentidos, trançam novas redes para o corpo refazer suas energias, amarrar seus desejos, suas inquietações, acender suas esperanças e descansar.

Não foi a palavra que soprando sobre o caos informe fez surgir o universo como grande corpo? Não foi

a Encarnação o insuperável casamento da palavra com a carne? A palavra não é somente sopro que sai da boca de Deus. No N.T. a palavra se corporifica, ela é sinônimo da divindade. Este mistério é para RA o fundamento de toda a teologia. Lamentavelmente, às vezes, as palavras teológicas perdem o gosto! Distanciando-se do "Verbo que se fez carne", de palavras relacionadas com a sobrevivência, com o cotidiano, elas têm pouco a ver com o corpo, com a vida das pessoas, com a transfiguração da dor...

O que aconteceu com o corpo ao longo da história?

Esta pergunta que atravessa todo o 3º capítulo, focaliza simultaneamente a questão fundamental detectada pelos materiais de nossa sondagem: o corpo silenciado, o corpo mantido sob suspeita.

Uma pesada herança de fatos culturais fez com que o corpo fosse desviado de si mesmo, racionalizado, desertotizado, prestando-se até hoje à satisfação dos interesses de sistemas educacionais e econômicos.

Após rememorar e analisar (de modo sumário) os momentos do processo cultural e os mecanismos ideológicos que ao longo da história se apropriaram da corporeidade e os dualismos modernos, passamos a indicar caminhos que permitam a valorização do referencial corpóreo.

A comunidade de fé, lugar onde se celebra a "epifania" do corpo cristão e onde as pessoas se reúnem para no meio de tanta exclusão, ouvir e experimentar outra definição de sua humanidade; a utopia, a imaginação criativa, a dimensão lúdica que muitas vezes têm lugar fora dos arranjos institucionais, são forças contraculturais que podem somar positivamente na superação de princípios excludentes e deterministas da sociedade. São caminhos alternativos que carregam em si o imperativo ético e político de uma nova "ordo amoris".

4. PARTE CONCLUSIVA

O momento conclusivo da pesquisa recolhe os destaques mais pertinentes e significativos do pensamento teológico de RA construído a partir do tema "corpo", seguindo-se das ambivalências e fragilizações. Quanto mais complexa uma realidade, mais contingencial e vulnerável ela se apresenta.

A escolha da categoria "corpo" como referencial teológico paradigmático faz com que sua abordagem seja particular e global ao mesmo tempo, um diálogo interativo entre eros e ágape, uma teologia a serviço da mística num cotidiano fragmentado e explorado.

A beleza da linguagem construída com uma abundância de metáforas não deixa o autor flutuar numa retórica vazia; pelo contrário, confere-lhe as-

túcia e agudez profética para denunciar e por vezes com ira, o perfil infimo do corpo social latino-americano.

A religião espiritualista que vem triunfando em nossos dias com forte apelo à interioridade e que se opõe a definição dos cristãos diante do mundo e da sociedade, poderá encontrar nos textos teológicos de RA motivações para abrir-se às questões sociais da realidade latino-americana. O vigor profético, a beleza, voltarão a recuperar a práxis e o discurso teológico, quando a partir da fé, sem medo e com alegria, os cristãos aceitarem ver o lugar onde os pés tocam o chão.

No exercício teológico especialmente, continua dizendo o autor, somos homens e mulheres convidados(as) a aceitar a força gravitacional da terra. Sem os pés pregados à terra, a teologia, ao referir-se ao mistério, aos símbolos, perderia seu estatuto de coisa humana. RA reconhece o caráter profético e apaixonado da linguagem teológica.

Uma crítica à atual economia a partir da corporeidade que desistoriciza as linguagens e desejos corpóreos, sobretudo das massas excluídas e deixa morrer velhos e crianças sem a menor sensibilidade ética, sugere a valorização de cada pessoa, do cotidiano e a conquista do pão e da beleza como experiências simultâneas.

Numa visão de conjunto, pode-se dizer que a teologia de RA é encarnada, contextual, poética e profética.

Suas proposições integram em estilo e conteúdo eminentemente singulares, experiências e fios dispersos; resignificam novos enfoques e linguagem, dimensões negligenciadas na maneira habitual de abordar determinados temas. De algum modo é possível situar o discurso teológico alvesiano, no paradigma holístico. Renunciando ao estilo tradicional de sistematização, partindo da experiência, da intuição, da sensibilidade, o autor revela que o aqui e o mais-além estão intimamente ligados. Deixando de lado as grandes narrativas parece introduzir-se no tipo da teologia onde ganham luzes os pequenos temas. O todo do grande discurso se encontra em cada pequeno discurso e vice-versa.

Numa palavra, o pensamento alvesiano tem o mérito de propor um estranho mas instigante aprendizado teológico: permitir-se ser possuído pela força do esquecimento. A fecundante experiência de desaprender, da palavra teológica-presente-provisória, quando o(a) teólogo(a) se permite estar à mercê das forças do Vento, permite que, como criança, esteja apto para novo aprendizado. Esse dom de desaprender e esquecer para de novo aprender e lembrar com toda a sua força-raiz, poderia mais precisamente se chamar de Sapiencia: nenhum poder, apenas uma pitada de conhecimento, uma pitada de sabedoria e o máximo possível de sabor.

5. SUGESTÕES E PROVOCAÇÕES

Chegando ao final da pesquisa acompanha-nos a convicção de que a missão evangelizadora dos cristãos e a teologia propriamente, passam pelos desafios de uma leitura e reavaliação antropológico-teológica da categoria "corpo", endossando dados da ciência moderna que põe às claras tantos segredos que sobre ele pesavam. A releitura proposta do tema "corpo", inclui temas a ele relacionados como: trabalho, sexualidade, beleza, prazer.

O desafio da nova leitura pode compreender também outros dois aspectos: superar a mentalidade repressiva e de suspeita, subverter a avalanche de táticas e mecanismos que mercantilizam, deserotizam o corpo, sem perder de vista a ultrapassagem das dicotomias clássicas e atuais. O segundo aspecto do desafio se situa na compreensão do corpo. Passar de um olhar accidental, periférico para uma perspectiva macrosocial.

Merleau-Ponty superando o dualismo psicofísico de Platão e a dicotomia cartesiana, nos introduz no caminho da unidade corpóreo-espiritual que nos constitui. Não há idéias, espírito, sem a mediação do corpo.

Atitude contracultural perante as novas dicotomias e mecanismos de apropriação seria: qualidade de vida é igual à qualidade corporal e qualidade corporal não coincide com quantidade de consumo. Isto pressupõe falar de ética e política.

Outra convicção a que chegamos foi da necessidade de retomar a compreensão do corpo erótico como busca do "bom" e do "belo". O corpo erótico é rebelião, rompimento com toda forma de imposição preconceituosa e antidemocrática; é não se deixar moldar pela massa manipulável (Hannah Arendt) que constrói os perfis corporais segundo os interesses das classes dominantes. Corpo erótico é a síntese da luta de mulheres e homens por seus direitos, destinatário legítimo de uma economia mais justa. O corpo erótico é a possibilidade da mulher estabelecer-se no mercado de trabalho, considerar-se bela, não pelo ideário imposto pela indústria da beleza, mas porque saudável, inteligente e criativa.

Para o objeto de nossa pesquisa o mundo não é uma realidade neutra. As coisas para o corpo se apresentam belas, ásperas, emocionantes, tristes, cômicas, em processo... O corpo alcança sonhos, necessidades, desejos de dignidade assegurada, conquista do pão com beleza e vida sem fim...

No decurso do processo da pesquisa constatamos que hoje são várias as linguagens sobre o corpo, todas com enfoques diferentes e até contraditórios. Não é qualquer concepção de corpo que pode ser referenciada como instância básica de critério. Cada proposição deverá saber assentar suas balizas. No entanto, a atenção à complexidade dos seres vivos, a abertura aos novos sopros do Espírito, a flexi-

bilidade perante o caráter tentador dos dogmatismos que simulam atalhos e diferenças para chegar a conclusões apressadas e homogêneas e a convivência com novos dualismos como forma de exaltação do corpo, são atitudes indispensáveis frente à proposta de um novo paradigma.

No discurso teológico, a partir da criação, sobretudo da encarnação passando pela eucaristia e ressurreição, o "corpo" pode ser assumido como categoria paradigmática a partir da qual a reflexão teológica pode ser construída incorporando linguagens e experiências diferenciadas. As vantagens deste ponto de partida seriam imensas.

Três provocações que se iluminam reciprocamente e que sustentaram a presente reflexão deixam caminhos abertos para maior aprofundamento.

- Haverá algum outro ponto de partida possível para compreender o ser humano de modo mais sintético e unitário? Existirá algum lugar onde estamos livres de nossa corporeidade? De onde se origina o pensamento?

- Parece chegada a hora de ter a ousadia de afirmar que o ético, o político, a educação, as opções solidárias e a própria teologia possam articular-se e definir-se a partir do corpo.

- Chegou o momento em que é impossível fazer teologia, sobretudo na perspectiva da mulher, sem levar em conta a realidade corpóreo-espiritual que nos constitui numa unidade.

Ir. Tereza Valler é Mestra em Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.